

## EXPANDIDO

### PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO NOS MUSEUS DE ARTES: TRADUÇÃO E LEITURA

(Modalidade de trabalho: Apresentação oral)

Investigamos, como ponto de partida deste trabalho, os referenciais teóricos que fundamentam as ações educativas dos museus de artes. Como uma das funções primárias dos museus está a Educação, especificada pelo documento “Recomendações Unesco 2015 para a Proteção e Promoção do Patrimônio Museológico e Coleções”. Deste enfoque, buscamos mapear algumas das referências que norteiam a prática dos educadores dos museus de artes, chamados também de mediadores culturais, a partir das especificidades das práticas educativas destes espaços, apresentando fundamento para uma reflexão sobre as possibilidades pedagógicas de ensino-aprendizagem em condições emancipatórias.

Inicialmente, o museu de artes é considerado como um importante centro educativo desde o início do século XX (Grinspum, 2000, p.33). Mas a partir da década de 90 no Brasil, essa característica ganhou notabilidade com a relação midiática nas chamadas megaexposições, que fizeram as instituições perceberem a importância das visitas por conta do público numeroso nesses eventos (Barbosa, 2009, p.17).

Essa relevância vem também com uma parcela de desafio, considerando o reconhecimento entre os demais agentes das instituições. Como aponta Barbosa, muitos curadores, críticos, historiadores e artistas têm uma resistência em enxergar o espaço do museu como uma instituição educacional, às vezes rebaixando a perspectiva que criam dos mediadores, tornando-os de segunda categoria (2009, p.14).

Outra articulação presente com o pensamento educativo é a apresentação do objeto artístico ao público, através da museologia. Das perspectivas históricas, encontramos um percurso que vai desde: 1) a ideia de um espaço reverencial; 2) propostas entre produtores e consumidores, que se estabelecem por uma via de uma mão ou 3) uma via de duas mãos; e até 4) uma estrutura descentralizada que tem seus limites transpassados (Puig, 2009, p.56). São características apresentadas separadas mas que podem estar entrecruzadas em diversos casos nas práticas das instituições contemporâneas.

Em outro aspecto, Bauman apresenta a arte atual como arte pós-moderna. Uma das principais características é a falta de referenciais rígidos, para sustentar tanto a produção do artista quanto a leitura do espectador. Sem essa rigidez a arte liberta as possibilidades da vida, da tirania do consenso. O autor conclui que a partir disso a arte pós-moderna procura “abrir amplamente o portão às artes dos significados” (1998, p.140).

Aproximamos então da atuação museal de fato. O museu, na relação com o público, não é neutro. Ele apresenta um determinado discurso sobre a realidade, que é feito como em uma “arena de disputa, um espaço de conflito como campo de tradição e contradição” (Chagas, 2015, p.31). Como aponta o autor, os museus, desde que se constituíram enquanto instituições de memória, estão marcados com os germes do jogo dialético.

Entendendo o museu como espaço de disputa, fica mais evidente a importância da atuação do educador. Para Honorato, este agente tem o papel político que é de disputa ideológica (2011, p.117). A partir da interação do mediador cultural com os grupos escolares

podemos afirmar a relação com a educação formal, ampliando a função educativa dos museus que se situa dentro de uma complexidade de agentes formativos.

Ao investigar a atuação dos educadores, procuramos apresentar referenciais que levantam questões na relação com o público. Em geral, o discurso dos mediadores culturais está a favor das obras e da instituição e são compreendidos como prestadores de serviço de esclarecimento, informação e interpretação, facilitando o acesso aos conteúdos (Barreto, 2012, p.130). Tomamos então a seguinte perspectiva: os mediadores são também tradutores.

Historicamente, no aspecto do senso comum, o tradutor mantinha o sentimento de perda de alguma parte do significado na tradução (Lages, 2007, p.35). Lages então apresenta uma concepção de tradução pelos poetas concretos, chamada de leitura forte. Neste caso, acontece uma inversão de causalidade, pela qual o texto atual determina *a posteriori* a leitura de seus antecessores na cadeia da tradição (2007, p.91).

A partir da oralidade, outra prática adotada pelos educadores de museus, também está a relação do contexto individual de cada sujeito, que se inicia de uma leitura do mundo. É o que aponta Paulo Freire: aprendemos a ler o mundo antes de ler a palavra. Para ele, “linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto” (2011, p.19).

Com isso também compreendemos: a condição de leitor é antes de tudo condição de espectador que todos os sujeitos têm em relação com o mundo. Para Jacques Rancière, a tradução é o cerne de toda aprendizagem. O autor denomina “mestre ignorante”, não aquele que nada sabe, mas aquele que abdica do saber da ignorância e assim desassocia sua qualidade de mestre de seu saber. O ignorante, então, aprende não para ocupar uma posição de intelectual, mas “para praticar melhor a arte de traduzir, de pôr suas experiências em palavras e suas palavras à prova” (Rancière, 2012, p.15).

Sendo assim, a obra de arte não tem um significado fixo e o educador cria interpretações com o público. Os artistas constroem suas manifestações estéticas, porém os significados ficam expostos e se tornam incertos em um idioma novo que não pode ser antecipado. Para Rancière, este idioma “exige espectadores que desempenhem o papel de intérpretes ativos, que elaborem sua própria tradução para apropriar-se da ‘história’ e fazer dela sua própria história” (2012, p.25).

Nesta análise desenvolvemos o pensamento de que todo projeto de educação está relacionado com uma visão de mundo. Ao mesmo tempo que existe a concepção em que o indivíduo é espectador *a priori* na sua relação com o mundo, também há o contexto de não apenas estar no mundo, mas com ele (Freire, 2014a, p.137). É neste sentido que apresentamos a relação tanto dos educadores quanto dos públicos com o museu de artes.

Os educadores e visitantes são entendidos então, em contextos iguais, como seres históricos-sociais que criam a história enquanto realizam ações transformadoras de uma mesma realidade objetiva (Freire, 2014b, p.128). A concepção destes discursos é a de que a emancipação parte da consciência da igualdade das inteligências (Rancière, 2015, p.64), e que isso aponta para caminhos de uma sociedade de narradores e tradutores.

Entender o museu de artes como essencialmente educativo é abrir possibilidades no engajamento dos educadores e simultaneamente repensar a relação ensino-aprendizagem, quando deslocadas para essa realidade. Na busca por novos modelos educativos críticos, precisamos incluir também o museu de artes como espaço de produção de conhecimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. Mediação cultural é social. In: BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.13-22

BAUMAN, Zygmunt. O significado da arte e a arte do significado; tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luís Carlos Fridman. In: BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.131-142

BARRETO, Jorge Menna. **Exercícios de Leitoria**. 2012. 164p. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Escola de Comunicação e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CHAGAS, Mário de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**; 2ª ed. rev. e atual., Chapecó, SC: Argos, 2015. 127p

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 38ª ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2014a. 189p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 56ª ed. rev. e atual – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014b, 253p.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51ª ed. - São Paulo: Cortez, 2011. 102p.

GRINSPUM, Denise. **Educação para o Patrimônio: Museu de Arte e Escola: Responsabilidade compartilhada na formação de públicos**. 2000. 120p. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

HONORATO, Cayo. **A formação do artista: (conjunções e disjunções entre arte e educação)**, 2011, 200p. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LAGES, Susana Kampff. **Walter Benjamin: Tradução e Melancolia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007. 257p.

PUIG, Carla Padró. Modos de pensar museologias: educação e estudos de museus. Tradução de Christiane de Souza Coutinho Orloski. In: BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.53-70

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**; tradução Ivone C. Benedetti – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. 125p.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Tradução de Lillian do Valle – 3ª ed. 4ª reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. 191p.